

ANTES QUE A NOITE DESABE

Relatos de uma experiência didática no Jardim Pantanal

Amália Cristovão dos Santos

Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | amaliasantos@gmail.com

Bruno Firmino

Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | brunofirmino@gmail.com

Lais Cristina Malaquias Avelino

Instituto Alana | arqlaisavelino@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: (2) Ensino e Práticas Extensionistas

Resumo: Esta comunicação apresenta e debate os processos político-pedagógicos desenvolvidos na disciplina eletiva “Projeto e Crítica: a periferia no centro”, conduzida em 2025, em formato de atividade extensionista. A disciplina fundamentou-se na constatação da ausência de debate qualificado sobre territórios periféricos na grade curricular regular em cursos de graduação de Arquitetura e Urbanismo (exceto como problemas a serem sanados pelas técnicas e referencial modernos), bem como na quase inexistência de desenvolvimento de instrumental crítico e projetivo para concepção de intervenções arquitetônicas nessas áreas, que se relacione com a compreensão de suas soluções tectônicas e sociais. Como forma de aproximar a formação no campo desses territórios e suas questões, a disciplina propôs a realização de projeto e execução de pequenas intervenções de melhorias habitacionais em residências na comunidade do Jardim Pantanal (zona leste de São Paulo, capital), por meio de processo colaborativo entre turma, docentes e moradoras/es. A proposta se pautou na sensibilização para o trabalho em territórios vulnerabilizados e na importância de dialogar e construir com participação ativa, reconhecendo as dinâmicas e necessidades territoriais como fundamentais para as decisões e legitimação das propostas e ações. Contribuindo com os debates contemporâneos sobre a transformação do perfil discente nas universidades brasileiras após a implementação sistemática de ações afirmativas e o realinhamento curricular que vem sendo promovido no bojo dessas mudanças, esta comunicação busca compartilhar reflexões sobre o processo realizado, especialmente em relação à ampliação do campo profissional de arquitetas/os e urbanistas em periferias urbanas. Para isso, serão debatidos: os princípios norteadores dos métodos de atuação adotados na atividade de extensão; as demandas, desejos, referenciais e soluções construtivas mobilizadas no projeto e execução; e o enquadramento étnico-racial, de classe e gênero que perpassa, de forma geral, as relações entre academia e comunidades externas e, especificamente, a formação em Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-chave: Melhorias habitacionais; assessoria técnica; territórios periféricos.

BEFORE THE NIGHT FALLS: REPORTS OF A TEACHING EXPERIENCE IN JARDIM PANTANAL

Abstract: This paper presents and discusses the political-pedagogical processes developed in the elective course “Design and Criticism: The Periphery in the Center,” offered in 2025 as an extension activity. The course was based on the observation of a lack of qualified discussion on peripheral territories in the regular curriculum of undergraduate Architecture and Urban Planning programs (except as problems to be solved by modern techniques and frameworks), as well as the near-absence of development of critical and projective tools for the conception of architectural interventions in these areas, which relate to the understanding of their tectonic and social solutions. Bringing field training closer to these territories, the course proposed the design and execution of small housing improvement interventions in residences in the Jardim Pantanal community (east side of São Paulo, capital), through a collaborative process between the class, faculty, and residents. Contributing to contemporary debates on the transformation of the student profile at Brazilian universities following the systematic implementation of affirmative action and the curricular realignment promoted in the wake of these changes, this paper seeks to share reflections on the process undertaken, especially regarding the expansion of the professional field of architects and urban planners in urban peripheries. To this end, the following will be discussed: the guiding principles of the methods of action adopted in the outreach activity; the demands, desires, references, and construction solutions mobilized in the design and execution; and the ethnic-racial, class, and gender framing that permeates, in general, the relationships between academia and external communities and, specifically, the education in Architecture and Urban Planning.

Keywords: Housing improvements; technical assistance; peripheral territories.

ANTES DE QUE CAIGA LA NOCHE: RELATOS DE UNA EXPERIENCIA DOCENTE EN JARDIM PANTANAL

Resumen: Este artículo presenta y analiza los procesos político-pedagógicos desarrollados en la asignatura optativa “Diseño y Crítica: La Periferia en el Centro”, impartida en 2025 como actividad de extensión. El curso se basó en la observación de la falta de un debate cualificado sobre los territorios periféricos en el currículo regular de los programas de grado de Arquitectura y Urbanismo (excepto como problemas que deben resolverse mediante técnicas y marcos modernos), así como en la casi inexistencia de desarrollo de herramientas críticas y proyectivas para la concepción de intervenciones arquitectónicas en estas áreas, relacionadas con la comprensión de sus soluciones tectónicas y sociales. El curso propuso el diseño y la ejecución de pequeñas intervenciones de mejora en viviendas de la comunidad de Jardim Pantanal (zona este de São Paulo, capital), mediante un proceso colaborativo entre la clase, el profesorado y los residentes. Contribuyendo a los debates contemporáneos sobre la transformación del perfil estudiantil en las universidades brasileñas tras la implementación sistemática de acciones afirmativas y la reestructuración curricular impulsada a raíz de estos cambios, este artículo busca compartir reflexiones sobre el proceso emprendido, especialmente en lo que respecta a la expansión del campo profesional de arquitectos y urbanistas en las periferias urbanas. Para ello, se analizarán los principios rectores de los métodos de acción adoptados en la actividad de extensión; las demandas, deseos, referencias y soluciones constructivas movilizadas en el diseño y la ejecución; y el marco étnico-racial, de clase y de género que permea, en general, las relaciones entre la academia y las comunidades externas.

Palabras clave: Mejoras habitacionales; asesoría técnica; territorios periféricos.

INTRODUÇÃO

Lugar onde pousamos as asas

Quando a noite por fim desaba

Poema “Casa”, Miró da Muribeca, 2016.

A disciplina eletiva “Projeto e Crítica: a periferia no centro”, ministrada no segundo semestre de 2025 na Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (São Paulo, capital), partiu do desejo de articular a problematização historiográfica dos silenciamentos de grupos subalternizados às reformulações programáticas e pedagógicas atualmente em debate na área de Arquitetura e Urbanismo, objetivando promover uma formação teórica, metodológica, crítica e prática que possibilite maior dedicação dos profissionais à atuação com territórios periféricos, suas populações e suas materialidades. Por meio da parceria com lideranças do Jardim Pantanal, bairro do extremo leste de São Paulo, o programa da disciplina buscou mobilizar conceitos e métodos do campo da história oral e da história pública, além de referenciais teóricos e arquitetônicos voltados para as periferias, territórios tradicionais e sua produção espacial, com vistas à contribuição para uma fundamentação que dialogasse com as realidades periféricas, suburbanas, horizontais e ruralizadas, que compõem a maioria do tecido urbano brasileiro – ou o Brasil hegemônico.

A atuação nesse escopo vem sendo incentivada em diversas esferas referentes ao campo. Em termos de políticas públicas, note-se o debate em torno da Lei Federal nº 11.888/2008, conhecida como Lei da Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (ATHIS), que se baseia no direito constitucional à moradia para garantir que famílias com renda de até 3 salários mínimos possam ser assessoradas de maneira gratuita e pública por profissionais de Arquitetura, Urbanismo e Engenharia para a construção ou reforma de suas casas. A implementação da legislação depende de regulamentação por lei municipal, algo que apenas cerca de 30 municípios brasileiros realizaram, segundo levantamento do CAU.

Algo semelhante pode ser visto em relação ao recente programa Reforma Casa Brasil, lançado pelo governo federal, com verba de 40 milhões de reais para reformas em unidades habitacionais ou mistas, para famílias com renda de até R\$ 9.600,00 e que residam em imóvel próprio ou alugado em capitais ou cidades com mais de 300 mil habitantes, ou seja, regiões de baixa renda em cidades médias ou grandes. Essas famílias podem financiar entre 5 e 30 mil reais, com juros abaixo do mercado, que podem ser utilizados para compra de materiais construtivos, pagamento de mão de obra e serviços técnicos. O programa – ainda que seja preciso atestar sua possibilidade de consolidação – desenha caminhos que contribuem para a estabilidade financeira de pequenos escritórios voltados para o atendimento de populações periféricas, suburbanas e precarizadas.

Esse tipo de atuação é marcado por debates próprios – geralmente apresentados apenas de forma pontual em cursos de Arquitetura e Urbanismo –, que vem sendo endereçados pelas instâncias de representação de classe. Entre os pilares defendidos pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), estão a realização de parcerias entre universidade e comunidades, bem como o fortalecimento da formação específica para as particularidades dessa atuação. Orientações similares constam das diretrizes curriculares recentes do Ministério da Educação, como se observa em seu **Documento de Área: Arquitetura, Urbanismo e Design**, para o período de 2025 a 2028, especialmente no que se refere à extensão, vista como indicador central de impacto na sociedade. Segundo o documento, esse objetivo é atingido, principalmente, pela “construção coletiva de conhecimento entre os participantes: comunidades, movimentos sociais, pesquisadores docentes e alunos (tanto de pós-graduação quanto de graduação)” (CAPES, Documento de Área: Arquitetura, Urbanismo e Design, 2025, p. 23).

A disciplina ora apresentada foi ministrada por docentes das áreas de História e Projeto e teve como docente colaboradora uma arquiteta pós-graduada, que atua no Jardim Pantanal e reside em bairro vizinho. Em caráter extensionista, foi cursada por turma de 15 estudantes, que realizaram reconhecimento, escuta, levantamento e proposição de reformas na casa de uma moradora do Jardim Pantanal, sendo um dos cômodos da casa escolhido para uma reforma posterior ao desenvolvimento do projeto. A metodologia do curso contou com aulas expositivas, debates de texto, palestras de escritórios convidados, visitas de campo, práticas projetuais em ateliê e atividades devolutivas, que se articularam ao longo de quatro meses, de forma não linear. A seguir, apresentamos sinteticamente essas frentes e suas relações, com o objetivo de contribuir para os debates sobre a formação no campo da Arquitetura e do Urbanismo e a função social do campo profissional.

AULAS EXPOSITIVAS E DEBATES DE TEXTO

O processo de formação dos estudantes partiu de aulas expositivas e debates de texto abordando: (1) configuração das periferias no Brasil (Tiaraju Pablo D’Andrea, “Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos”, 2020), (2) tradições comunitárias e espaciais afrodiaspóricas (Raquel Rolnik, “Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro”, 1989; Henrique Cunha Jr., “Bairros negros e cidades negras: conceitos necessários para a inclusão das populações negras nas histórias das cidades brasileiras”, 2023; Bianca Freire-Medeiros e Leo Name, “Epistemologia da laje”, 2019; Nego Bispo, **A terra dá, a terra quer**, 2023), (3) metodologias de escuta e colaboração (Michael Frisch, “A história pública não é uma via de mão única”, 2016; Michael Pollak, “Memória e identidade social”, 1992; Alessandro Portelli, **História oral como arte da escuta**, 2016) e (4) propostas de ensino em Arquitetura e Urbanismo (Juliana Sicuro e Ana Slade, “Tectônica na periferia: alternativas para o ensino de projeto”, 2022; Amália

dos Santos, “Literatura como método na história das cidades: 'escrevivência', oralidade e experiências de pesquisa”, 2023; Larissa de Almeida Monteiro, “A estética marginal como campo de disputa da decolonização arquitetônica”, 2024).

Essas atividades buscaram fundamentar parâmetros metodológicos a serem mobilizados nas ações propostas pelo corpo docente, bem como apontar para estudantes os caminhos recentes dos debates nos quais a disciplina estava inserida. Em linhas gerais, o material selecionado para debate apresentava vieses de enquadramento dos territórios periféricos distintos daqueles normalmente presentes na graduação em Arquitetura e Urbanismo, especialmente a ideia da periferia como território de ausências. Além disso, buscou-se oferecer contornos mais precisos à forma de trabalho em caráter extensionista, principalmente em relação às relações entre corpo acadêmico e comunidade externa.

PALESTRAS COM ESCRITÓRIOS CONVIDADOS

Nas primeiras semanas, quatro escritórios apresentaram-se para estudantes e público geral, em atividades abertas – Amanda Castilho (Coletivo Levante, Belo Horizonte, MG), Luan Melo (Cooperativa CAUS, Recife, PE), André Moraes (Azul Pitanga, Juazeiro do Norte, CE) e Bianca Feijão, Bruno Braga e Luiz Cattony (Rede Arquitetos, Fortaleza, CE) –, discutindo uso de técnicas e materiais locais em projetos em regiões rurais e favelas, bem como procedimentos adotados na comunicação com usuários, clientes e construtores dessas obras, enfatizando a necessidade de formação para a escuta e a coletividade como caminho para ampliar as possibilidades de atuação no campo.

Importante notar que, apesar de terem atuações diversas, todos os escritórios são sediados fora do estado de São Paulo, priorizando a apresentação de novos circuitos e paisagens para a turma participante da disciplina. Esse recorte de produções foi desenvolvido como forma de contraposição ao referencial arquitetônico vigente nos cursos de arquitetura, incluindo na instituição da disciplina, que está restrito ao sudeste brasileiro e exterior (EUA, Japão e alguns países europeus), inviabilizando outras produções que estão fora dessas localizações.



Figuras 1 e 2: Aula com Amanda Castilho, do Coletivo Levante, de Belo Horizonte (MG), que debateu princípios da atuação do escritório na favela Aglomerado da Serra, a partir de articulação com um agente cultural do território. Fonte: Acervo coletivo da disciplina “Projeto e Crítica: a periferia no centro”, 2025.



Figuras 3 e 4: Participação da CAUS Cooperativa, de Recife (PE), em que foi debatida a construção de uma atuação colaborativa entre arquitetas e arquitetos e comunidades, a partir de um viés de formação política, e não de assistência técnica. Fonte: Acervo coletivo da disciplina “Projeto e Crítica: a periferia no centro”, 2025.



Figuras 5 e 6: Integrantes do Rede Arquitetos, escritório sediado em Fortaleza (CE), que discutiram o uso de materiais, as diferentes escalas de projeto e o diálogo com clientes e construtores, que transforma a maneira de compreender os sentidos da representação. Fonte: Acervo coletivo da disciplina “Projeto e Crítica: a periferia no centro”, 2025.



Figuras 7 e 8: Palestra de André Moraes, do Azul Pitanga, localizado em Juazeiro do Norte (CE), cujos projetos priorizam contato direto com as técnicas a serem utilizadas e o uso de recursos locais. Fonte: Acervo coletivo da disciplina “Projeto e Crítica: a periferia no centro”, 2025.

VISITAS DE CAMPO E LEVANTAMENTOS

Os diálogos em aulas e palestras fundamentaram as atividades de campo, em que o grupo conheceu parte do Jardim Pantanal e, finalmente, a casa de Dona Sônia, nascida em Fortaleza (Ceará) e moradora do bairro há décadas, residindo em uma casa construída na década de 1980, cujos fundos do lote margeiam o Rio Tietê.



Figuras 9 e 10: Primeira visita ao Jardim Pantanal, com reconhecimento do bairro e contato inicial com Dona Sônia, a partir de caminhada pelo território. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.



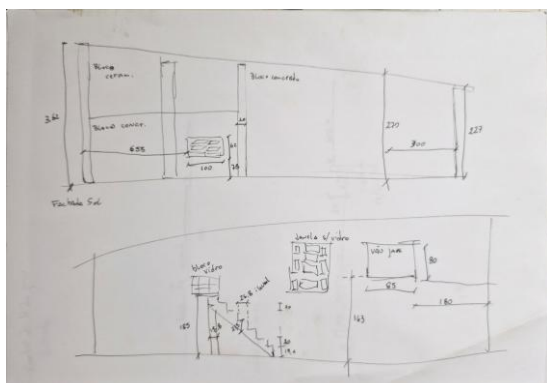
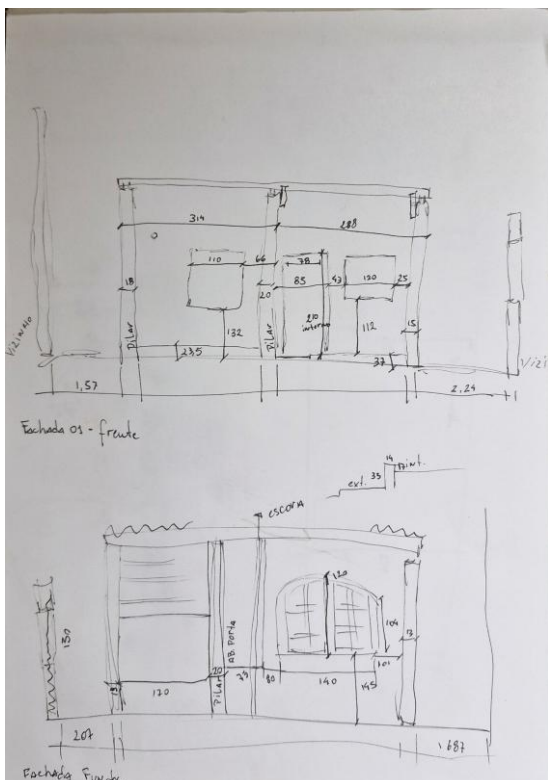
Figuras 11 e 12: Dona Sônia nos fundos do lote de sua casa, às margens do Rio Tietê, e no quintal da frente, com a turma e docentes, ao final do dia. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.

7

Assim como as demais construções da região, a casa de Dona Sônia foi erigida e reformada sem a participação de profissionais de arquitetura ou engenharia. No entanto, a trajetória construtiva da edificação, narrada pela moradora, permite problematizar a própria ideia de autoconstrução como atividade integralmente apartada do conhecimento técnico, uma vez que as intervenções promovidas na residência foram realizadas, muitas vezes, por vizinhos que são trabalhadores da construção civil, principalmente mestres e serventes de grandes obras, empregados nas regiões centrais da cidade. Há, portanto, uma complexidade nesses processos, que nem sempre é debatida adequadamente na formação em Arquitetura e Urbanismo.



Figuras 13 e 14: Trabalho de levantamento das dimensões da casa de Dona Sônia, para realização de planta-baixa, cortes e elevações de base. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.



Figuras 15 e 16: Desenhos à mão produzidos durante o levantamento métrico. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.



Figuras 17 e 18: Produção de biografia construtiva da casa, por meio de escuta de Dona Sônia, conduzindo a conversa pelos cômodos da habitação. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.

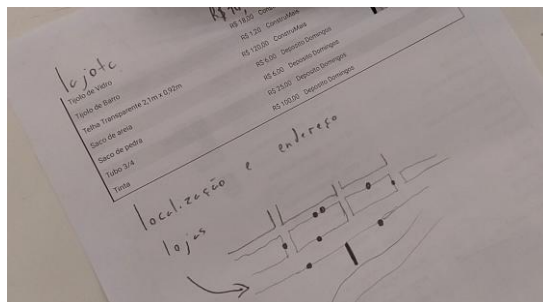
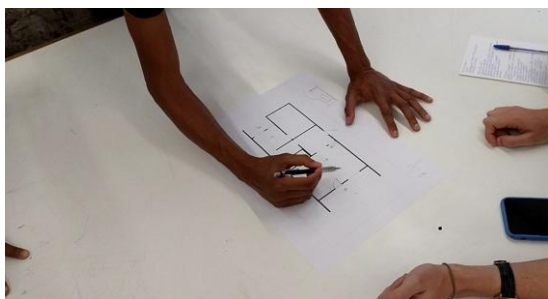
Os trabalhos de levantamento e diagnóstico da casa foram realizados tendo como esteio a escuta de Dona Sônia, a partir da qual são acessadas informações sobre as quais não há registro oficial ou outra forma de documentação, configurando assim o que se denominou como *biografia construtiva da casa*. Para além do desenho em linguagem arquitetônica dos elementos espaciais atuais da moradia, a biografia busca

recuperar e registrar os processos, desejos e demandas a partir dos quais a edificação vem sendo construída e modificada, considerando a relação entre a trajetória das pessoas moradoras e a configuração da casa como ponto central de compreensão das escolhas referentes a soluções técnicas, materiais, agenciamento de espaço, uso e outros aspectos.

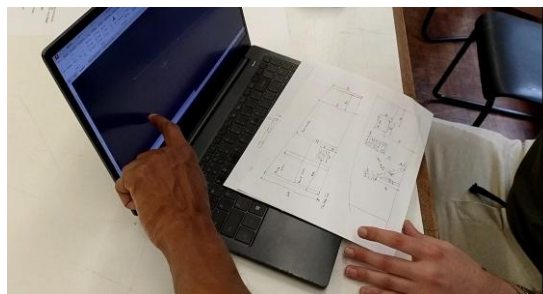
Note-se que o bairro sofre regularmente com enchentes, o que prejudica inclusive a possibilidade de constituição e salvaguarda de acervos documentais e fotográficos por parte das famílias. A oralidade é fonte central num contexto de marginalização social que também se reflete e é reforçado pela ausência documental em arquivos formais. Frequentemente, regiões como o Jardim Pantanal figuram em documentos oficiais ou outras fontes, como periódicos, apenas em circunstâncias conflituosas ou danosas, como enchentes ou remoção de pessoas em área de risco. Simultaneamente às entrevistas e conversas com a moradora, foram realizados levantamento arquitetônico e reconhecimento das possibilidades locais de uso de insumos construtivos, por meio de visitas de campo a lojas de material de construção, localizadas num raio de poucos quarteirões da casa.

PRÁTICA PROJETUAL

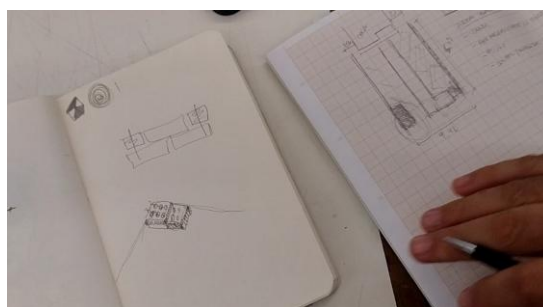
O processo de projeto teve início em sala de aula, com a sistematização das informações, não apenas em plantas, cortes e elevações, mas também em listagens compreensivas de material construtivo, em pesquisas de soluções para as situações de precariedade enfrentadas na área e na análise e hierarquização das falas da própria moradora como forma preliminar de organização do programa de reforma. Como produto inicial, foi criado um conjunto de proposições, com diferentes graus de complexidade de execução e custo, e não uma planta única, de modo que o projeto pudesse ser debatido também com a moradora, sendo possível a ela elencar prioridades e possibilidades, mesmo após o período de contato direto com a turma.



Figuras 19 e 20: Debate dos materiais produzidos nos levantamentos e início da atividade propositiva. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.



Figuras 21 e 22: Atividade projetual em frentes dedicadas a partes ou temas específicos. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.



Figuras 23 e 24: Subgrupos dedicados à proposta de reforma do quintal da frente e ao desenho de mobiliário. Fonte: Acervo coletivo da disciplina "Projeto e Crítica: a periferia no centro", 2025.

Durante a primeira devolutiva realizada com Dona Sônia, foram escolhidas as proposições mais viáveis e que mais interessavam à moradora. Apesar de sua ênfase no desejo de realizar a reforma imediata de seu quarto, que é também espaço de trabalho e de armazenamento de livros e documentos, após a apresentação dos projetos de reforma propostos pela turma, Dona Sônia indicou o banheiro como área de maior desejo de transformação. De volta ao ateliê, estudantes e docentes consolidaram as escolhas feitas coletivamente na apresentação inicial, revisaram as soluções adotadas e seguiram para o maior detalhamento das reformas propostas. Nessa etapa também foi desenvolvida uma tabela de materiais com seus quantitativos para guiar as compras de materiais da moradora e permitir um planejamento financeiro da reforma.

No decorrer do processo e a partir do contato com outras experiências extensionistas, foi aventada a possibilidade de criação de uma cartilha de instruções gerais para a população do bairro, referentes a novas construções e reformas em preexistências. Para isso, foram discutidas as principais questões enfrentadas pela turma e os apontamentos feitos por Dona Sônia, que serviram de referencial para pesquisa de soluções, materiais e técnicas, além da redação de comentários gerais sobre ventilação

e iluminação e da inclusão de um glossário de termos usados, especialmente aqueles provenientes do campo profissional da Arquitetura. Por fim, foi realizada uma diagramação preliminar, com produção de elementos gráficos e textos para comporem o material.

DEVOLUTIVAS E AMPLIAÇÃO DAS REDES

Em paralelo, o grupo de estudantes dedicou-se à pesquisa e proposição de meios de comunicação e apresentação que partissem da linguagem arquitetônica e permitissem que Dona Sônia não apenas compreendesse as propostas mas pudesse intervir, criticar, reformular e decidir sobre suas realizações. Ou seja, além da qualidade das intervenções propostas, o produto final tinha como parâmetro a democratização do acesso ao conhecimento específico do campo da Arquitetura. Em um encontro realizado na Escola da Cidade, Dona Sônia e uma vizinha, Dona Rosemeire, foram apresentadas às propostas desenvolvidas e engajaram o debate, avaliação e realização de contrapropostas, discutidas e desenhadas coletivamente. Foi examinada também a adequação dos produtos em termos de linguagem, notando diferenças nas possibilidades de apropriação das soluções projetuais por parte de Dona Sônia, a partir dos diferentes suportes (plantas, cortes, maquete, fotos e renderizações).



Figuras 25 e 26: Primeira apresentação de sugestões de projeto de reforma, com presença de Dona Sônia e Dona Rosemeire. Fonte: Tiago Santana/Baú Escola da Cidade, 2025.



Figuras 27 e 28: Apresentação composta por pranchas e maquete. Fonte: Tiago Santana/Baú Escola da Cidade, 2025.

Após a consolidação e detalhamento das propostas, foi realizada a segunda rodada de devolutivas, com participação de mais agentes, entre moradoras do bairro e profissionais atuantes em programas de impacto a partir do terceiro setor. Além da

apresentação do caderno de reforma final, entregue para Dona Sônia, foi debatida a cartilha de orientações gerais de construção e reforma, desenvolvida a partir dos principais desafios enfrentados no processo projetual. A escuta dos participantes da atividade permitiu ajustar os conteúdos desse material, a ser finalizado e impresso no primeiro semestre de 2026, para distribuição gratuita no bairro.



As duas devolutivas foram realizadas no prédio da Escola da Cidade, como forma de promover maior diálogo entre as moradoras do bairro e o ambiente acadêmico, localizado no centro de São Paulo. A ideia central era evitar o procedimento comum nos trabalhos extensionistas de concentrá-los exclusivamente nos territórios com os quais se dialoga ou que são atendidos, acentuando a cisão entre os lugares de ensino e pesquisa e as comunidades externas à universidade. Dessa forma, as moradoras que

participaram das devolutivas, também tiveram oportunidade de conhecer e “analisar” os espaços da faculdade, lançando sobre eles seus olhares e compreensões. O benefício dessa escolha tornou-se patente na segunda devolutiva, quando Dona Sônia convidou ainda mais pessoas, portando-se como uma espécie de embaixadora do projeto e apresentando o prédio a suas novas convidadas. Nesse momento, ela deixa de ser apenas “comunidade externa” e transforma-se em “elo” entre os dois lugares. Em outras palavras, essa troca contribuiu para o horizonte de desfazer a lógica de sujeito e objeto entre universidade e território.

APONTAMENTOS FINAIS E HORIZONTES

Esse conjunto de atividades didáticas, de pesquisa e de extensão descritos tem em comum a aproximação aos debates sobre os sentidos da atuação em Arquitetura e Urbanismo, tal como apresentados nos desenvolvimentos recentes no campo das políticas públicas e nas diretrizes curriculares para o campo em debate a partir do Ministério da Educação e, em especial, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), bem como nas entidades de representação da categoria. Inúmeros são os incentivos à atividade extensionista e à ampliação das perspectivas de atuação profissional em relação a territórios e grupos sociais, no entanto a formação em graduação ainda é lacunar para esses fins.

Para além das disputas políticas – ponto central em relação à efetivação de legislações e políticas públicas –, é premente que o ensino superior na área de Arquitetura e Urbanismo capacite e encoraje estudantes a dedicarem-se a uma atuação com territórios periféricos, por meio de um currículo regular que abranja questões teóricas e metodológicas pertinentes.

13

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA Jr., Henrique. Bairros negros e cidades negras: conceitos necessários para a inclusão das populações negras na história das cidades brasileiras. **Revista Campo da História**, v. 8, n. 1, p. 273-286, 2023.

D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2025.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NAME, Leo. Epistemologia da laje. **Tempo Social**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 153-172, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/wCwQPXPpVJVSx6cYgtmS5Lr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 Jul. 2025.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou De 'A Shared Authority' à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.) **História pública no Brasil: sentidos e itinerários** São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, s/d [1960].

MANZON, Jean (direção). **A luta pelo transporte em São Paulo**. 1952. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shQSWlumUU8&t=1s>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MANZON, Jean (direção). **Nordeste – problema número um**. 1962. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AK3xE-tVBQQ>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MONTEIRO, Larissa de Almeida. Periferismo estético. A estética marginal como campo de disputa da decolonização arquitetônica. **Arquitextos**, São Paulo, ano 24, n. 287, abr. 2024. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.287/898>. Acesso em: 12 dez. 2025.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. História oral: uma relação dialógica. In: PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, cap. 1, p. 9-25.

ROGERS, Helen Jean (direção). **Brazil – Troubled land**. 1964. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jWq4__898mg. Acesso em: 12 dez. 2025.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato dos. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil**. São Paulo: Autêntica, 2007, p. 75-90.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Arquitetura e contracolonialismo. In: SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023, p. 57-74.

SICURO, Juliana; SLADE, Ana. Tectônica na periferia: alternativas para o ensino de projeto. **VIRUS**, n. 24, 2022. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v24/718/718pt.php>. Acesso em: 12 dez. 2025.